

Editorial

Comitê Editorial

Lançamos este segundo volume da *Praça: Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE* com a mesma satisfação que tínhamos quando publicamos o primeiro. Na verdade, a mesma não, uma muito maior, porque temos visto, pouco a pouco, a consolidação de nosso trabalho e, em consequência, a realização do desejo de construirmos um espaço diversificado de trocas de experiências e saberes, voltado à divulgação e ao debate de textos acadêmicos em Sociologia e áreas afins, por meio da publicação de artigos, relatos de experiência profissional, entrevistas, ensaios, resenhas e dossiês temáticos. Reafirmamos nossa motivação: fomentar a elaboração de revistas organizadas por discentes – sejam de cursos de graduação ou pós-graduação, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) ou de outras instituições de ensino superior do país –, procurando enfatizar o debate de questões que emanem dos trabalhos de autoras e autores, discentes e docentes, funcionárias e funcionários que tenham interesse em contribuir para o enriquecimento deste espaço plural.

Para esta segunda edição, 32 artigos nos foram submetidos, dentre os quais 10 selecionamos para publicação. Ficamos satisfeitos com o resultado, pois, assim como no primeiro volume, mantivemos tanto a alta qualidade das produções quanto uma amostra variada de temas: capitalismo no âmbito da teoria psicanalítica, colonização, vida urbana, futebol, atuação profissional de médicos, arte contemporânea, mídia e imprensa, sociologia do indivíduo, campesinato e exclusão social.

Em um contexto mais amplo, apontamos para novos (e antigos) desafios enfrentados pelas universidades – sobretudo no que toca à área das ciências humanas – no cenário sociopolítico do país: a ameaça à autonomia do pensamento acadêmico, político e independente tem-se apresentado, nos últimos anos, uma das questões mais cruciais a permearem o cotidiano de todos nós. Exemplo disso pôde ser observado recentemente, em anúncio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES): caso seja mantido o corte orçamentário que o Governo Federal estabeleceu para o órgão durante o ano de 2019, a pesquisa brasileira sofrerá prejuízos seríssimos. Como não ver nesse ato do Governo um ataque à autonomia e capacidade crítica da pesquisa, da educação e da comunicação no Brasil, já que afetará diretamente os cursos de pós-graduação, a formação de profissionais da Educação Básica e a cooperação internacional? Se aprovado realmente o corte, a previsão da CAPES é que, a partir do mês de agosto do próximo ano, sejam suspensos: o pagamento dos bolsistas de mestrado, doutorado e pós-doutorado,

o que atingiria pelo menos 93 mil discentes e pesquisadores; o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o que afetaria cerca de 105 mil bolsistas; o funcionamento do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), assim como dos mestrados profissionais do Programa de Mestrado Profissional para Qualificação de Professores da Rede Pública de Educação Básica (ProEB), os quais envolvem mais de 245 mil pessoas no país, e praticamente todos os programas de fomento da CAPES no exterior. Nesse atual contexto sociopolítico, ainda são causas de profunda preocupação as reformas do Ensino Médio, da Previdência e da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), responsável pelo desmanche de parte fundamental dos direitos trabalhistas, a privatização de empresas estatais e um verdadeiro desmonte das universidades públicas – tudo comandado por um governo ilegítimo, autoritário, golpista.

Em meio a esse cenário, ondas conservadoras retomam força no país, apoiadas por uma imprensa tendenciosa, um Judiciário questionável e uma elite inescrupulosa. Episódios racistas, LGBTQfóbicos e misóginos aparecem escancarados nas redes sociais e na rotina de um país às vésperas de suas eleições presidenciais. Atolado em instabilidade política, judiciária e econômica, o Brasil nos aponta um futuro sombrio...

Mas não estamos rendidos ao pessimismo. Acreditamos que uma construção coletiva e ética seja uma das soluções mais produtoras para sairmos de quadro tão adverso. E esse é o propósito mais amplo que trazemos em cada edição da *Praça*, juntamente com o nosso desejo de servir como espaço público de construção de novos caminhos.

A *Praça* é uma construção limitada no delimitado contexto acadêmico, que, justamente por sua pretensão crítica, busca contribuir para a resistência e superação do cenário que estamos atravessando. E isso porque dois pilares alicerçam nossa construção: comunicação e educação. A revista é um espaço de publicização da produção recente das ciências humanas e um canal de diálogo dos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE (PPGS-UFPE) com demais programas de pós-graduação nacionais. Mas também é um espaço de aprendizado àqueles que a constroem e que lhe trazem suas contribuições, em especial por nossa preocupação de retorno de pareceres a todos os que submetem algum artigo para avaliação.

Além disso, gostaríamos de ressaltar a importância de iniciativas como a *Praça* para o questionamento e superação das desigualdades na geopolítica da produção acadêmica nacional. É importante que todos aqueles que estão à margem dos centros gravitacionais das ciências sociais construam espaços para a difusão de suas pesquisas. Acreditamos que a autonomia e a regionalização podem diminuir nossa dependência acadêmica e, assim, criar um diálogo mais horizontal, por meio do qual os aprendizados sejam mútuos. Portanto, comemoramos a obtenção do International Standard Serial Number (ISSN) como mais um passo na consolidação da revista.

Praça é espaço que remete ao convívio, ao livre acesso público, lugar propício à igualdade e à multiplicidade de vozes. A praça, contudo, não se estabelece em local idílico: é posta em uma sociedade violenta e desigual. Vive contradição. É, por vezes, lugar que abre feridas, por outras, lugar que ajuda a cicatrizá-las. Ligações são construídas, mas subjazem exclusões. Não é possível pensar uma praça exercendo todo seu potencial em uma sociedade constituída por desigualdades. Esta *Praça* reconhece suas limitações, mas busca ser também espaço de resistência – que suas potencialidades, portanto, sejam maiores que as repetições das exclusões.

Por fim, este segundo volume não teria sido possível sem o apoio institucional da UFPE, representada pela Coordenação e pelo Corpo Docente do PPGS, sem o suporte do Conselho Editorial, a colaboração generosa dos pareceristas e, sobretudo, das autoras e dos autores que nos confiaram seus trabalhos. Renovamos também os agradecimentos a Marcela Lins, que continua contribuindo na confecção gráfica das chamadas e da capa da revista. Esperamos seguir com todas essas colaborações – mais ainda para os dossiês que já estamos preparando para os dois próximos números.
